

SOCIEDADE DIGITALIZADA EM BLACK MIRROR: TENSIONAMENTOS A PARTIR DAS TEORIZAÇÕES FOUCAULTIANAS

Lia Nunes Santo ¹

Bárbara Hees Garré ²

Resumo: O artigo é um recorte de tese de doutorado que objetivou compreender de que modo está discursivamente fabricado o funcionamento da governamentalidade algorítmica em alguns episódios da série *Black Mirror*. O estudo assumiu como escopo teórico-metodológico principal, os estudos foucaultianos. Neste texto o enfoque consiste em tratar de um dos eixos temáticos analisados na pesquisa que se refere ao sistema operacional da sociedade a partir das práticas neoliberais. As discussões evidenciam que somos produtores e consumidores de discursos a partir do uso das plataformas digitais, colocando em operação relações de poder, produzindo saberes e acionando estratégias de subjetivação dos sujeitos.

Palavras-chave: Governamentalidade algorítmica; Plataformas digitais; Michel Foucault.

¹ Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSUL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4907-0432> E-mail: liasanto1981@gmail.com

² Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSUL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6229-1603> E-mail: barbaragarre@gmail.com

DIGITAL SOCIETY IN BLACK MIRROR: TENSIONS THROUGH FOUCAULT THEORIES

Abstract: This article is a synthesis of The Doctorate Thesis that has as objective, to understand how the working governmental algorithm in some episodes of the Series Black Mirror is made in the discourse. The study has used as main theoretical method the Foucauldian Studies. In this text the emphasis will be regarding one the theme axis analysed in the research which, refer to the society operating system through neoliberal practices. The discussions shows evidences that we are both producers and consumers of discourses by use of the digital platforms, putting in operation power relations, producing knowledge and triggering strategies of subjectification of the subjects.

Keywords: Governmental algorithm; Digital platforms; Michel Foucault.

INPUT/OUTPUT³

O presente artigo é recorte de uma tese de doutorado, que assumiu como problema de pesquisa: de que modo está fabricado os discursos que tratam do funcionamento da governamentalidade algorítmica em alguns episódios da série *Black Mirror*? E, buscando compreender quais efeitos esse mecanismo de governo produz sobre os modos de ser e de viver dos sujeitos no contexto digital. Como fundamentação teórica e metodológica do trabalho em questão, respaldamos nos estudos do filósofo francês, Michel Foucault. E, para construir a análise do material empírico, fizemos uso de alguns conceitos de sua “caixa de ferramentas”, tais como

³ No intuito de manter a pesquisa conectada aos termos da área das tecnologias, denominamos a introdução de input que “refere-se a qualquer tipo de dado ou informação que é inserida em um sistema, dispositivo ou processo”/ output “resultado ou a saída de um processo ou sistema após a interpretação ou processamento de um input”. Em outras palavras, é “a informação que é gerada, exibida ou transmitida após o processamento de dados), pois é a seção em que trazemos, brevemente, desde o modo como selecionamos nosso estudo até o que extraímos dele”. As informações sobre os termos estão disponíveis em: O que é input e output e como funciona?. Acesso em: 19 mai. 2026.

governamentalidade e neoliberalismo, além dos conceitos de discurso, relações de poder e modos de subjetivação.

Segundo o próprio filósofo, podemos fazer uso de seus conceitos enquanto ferramentas, pois ele dizia que se as pessoas quisessem abrir seus livros e fazer uso de suas ideias, frases e teorizações “como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor!” (Foucault, 2006, p. 52).

Neste sentido, ao optarmos por trabalhar com a teorização foucaultiana, é necessário estarmos dispostos a “questionar a ordem social firmemente estabelecida, abrir mão de todas as verdades petrificadas”, desse modo, firmando-nos a um “frágil compromisso com a liberdade” (Oksala, 2011, p. 7). Para trabalhar com essa perspectiva, é fundamental que estejamos dispostos a colocar em suspenso as verdades naturalizadas que circulam na sociedade, seja nos meios em que estamos inseridos, como a escola, o trabalho, a família ou através dos discursos que reverberam por meio das redes sociais digitais. Cabe ressaltar aqui, que também tomamos por base, em nosso artigo, o entendimento de governamentalidade algorítmica a partir dos estudos de Antoinette Rouvroy e de Sociedade de Controle utilizado pelo autor Gilles Deleuze (2008).

E, é a partir destes referenciais que problematizamos as questões acerca da governamentalidade algorítmica e os modos como esta circula em nosso material empírico, que trata de alguns episódios da série *Black Mirror* que trazem em sua fabricação discursiva a temática atrelada a esta pesquisa. Tendo em vista que a série em questão, não apresenta uma continuidade narrativa entre seus episódios, ou seja, uma história independente da outra, isso nos permitiu optar por aqueles que se encontram mais relacionados aos nossos interesses de pesquisa. Desse modo, a partir da leitura das sinopses e dos comentários do livro “Isso (não) é muito Black

Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação”, do autor André Lemos (2018), o qual traz as resenhas e comentários a partir de um olhar foucaultiano de todos os episódios das quatro primeiras temporadas e, assistindo àqueles que mais estavam conectados em suas fabricações discursivas com a problemática de pesquisa, selecionamos sete episódios como material de análise.

Neste estudo, a série televisiva entra em funcionamento enquanto um artefato cultural potente, atuando como uma pedagogia sobre os sujeitos que a assistem, de modo a subjetivá-los, educá-los, ensiná-los acerca de modos de ser e de viver, além de corroborar com as atualizações dos discursos na sociedade contemporânea. Portanto, ressaltamos que, por trabalhar a partir de uma perspectiva foucaultiana, compreendemos que o sujeito não é algo dado, que já nasce pronto, mas vai se constituindo e se produzindo, à medida que é atravessado por determinadas discursividades e práticas diárias, conforme vai se sujeitando a processos de autorregulação. Entendemos que, “se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si” (Revel, 2005, p. 85).

Partindo deste entendimento, realizamos um mapeamento dos sete episódios analisados a fim de extrair e organizar enunciações de acordo com suas recorrências e dispersões, caso houvesse. Tal movimento possibilitou a produção de três eixos temáticos, que embora estivessem atrelados uns aos outros, optamos por dividi-los com o intuito de aprofundar a discussão conceitual. O primeiro deles, que é foco deste artigo, denominamos “Sistema operacional⁴ da sociedade a partir das práticas neoliberais”.

⁴ O sistema operacional é um termo das ferramentas de programação e é o “sistema que faz comunicação entre o hardware, gerenciando e distribuindo seus recursos, e os demais softwares e cria uma plataforma comum a todos os programas utilizados”.

O segundo eixo discutiu modos de governamentalidade algorítmica e práticas neoliberais, dando ênfase aos efeitos provocados pelo funcionamento dos algoritmos corroborando para a existência de uma Sociedade do Espetáculo. Já o terceiro eixo temático, problematiza os modos de governo algorítmico existentes nos ditos que circulam nos episódios analisados.

Então, após discorrermos brevemente do que se trata a tese de doutorado, reforçamos que este artigo, em especial, tem como objetivo abordar o primeiro eixo temático, denominado “Sistema operacional da sociedade a partir das práticas neoliberais”, que discorre acerca do modo como aparecem, fabricados discursivamente na série, os movimentos de práticas neoliberais a partir dos modos de funcionamento dos algoritmos e do investimento em capital humano. Para tanto, traremos quatro episódios dos sete selecionados, com o intuito de fazer a articulação dos conceitos com a teorização abordada.

DATA WAREHOUSE⁵

Nesta seção nos dedicaremos a tratar de algumas abordagens metodológicas do estudo empreendido. Para tanto, iniciamos com o trecho de uma entrevista realizada com o filósofo francês Michel Foucault, concedida a estudantes da cidade de Los Angeles, no ano de 1978. Por sua vez, os estudantes dão início às perguntas questionando o filósofo sobre a diferença entre seu método de análise do discurso e o método fenomenológico tradicional. Foucault responde,

Disponível em: <https://www.hostgator.com.br/blog/100-termos-programacao/>. Acesso em: 04 jun. 2025.

⁵ Os data warehouses “destinam-se exclusivamente a realizar consultas e análises avançadas e geralmente contêm grandes quantidades de dados históricos. Os dados em um data warehouse geralmente são derivados de uma ampla variedade de fontes, como arquivos de log de aplicativos e aplicativos de transações”. Disponível em: [O que é um data warehouse? | Oracle Brasil](#). Acesso em: 06 fev. 2024.

Não procuro encontrar, por trás do discurso, alguma coisa que seria o poder e sua fonte, tal como em uma descrição de tipo fenomenológica, ou como em qualquer outro método interpretativo. Eu parto do discurso tal qual ele é! Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante (Foucault, 2015, p. 247).

Neste sentido, destacamos que não nos interessou desvendar nada, tampouco tivemos a intenção de descobrir o que pode estar por trás de algo ou alguém. Não nos interessou descobrir se há algo por trás dos algoritmos ou até mesmo nas entrelinhas dos discursos que circulam nos episódios selecionados da série *Black Mirror*. Não escolhemos trabalhar com este referencial teórico para trazer, aqui, análises pragmáticas ou para apresentar soluções para o uso ou não das redes sociais. Foucault nos instiga a ir muito além, nos provoca a duvidar dos discursos que circulam como verdadeiros, nos coloca a pensar de outros modos os padrões a nós pré-estabelecidos, e nos incita a analisar e questionar os efeitos que os discursos provocam nas vivências dos sujeitos.

Assim, as análises dos episódios selecionados como *corpus* empírico nos possibilitaram olhar para a temática escolhida, para esse movimento dos algoritmos que fazem funcionar estratégias de governo dos sujeitos. A partir das fabricações discursivas apresentadas no material analisado, problematizamos, no capítulo analítico, acerca das enunciações que caracterizam uma governamentalidade algorítmica em funcionamento sobre o corpo social de cada episódio selecionado. Além disso, tratamos da compreensão da série televisiva escolhida operando enquanto uma pedagogia cultural que educa e ensina os sujeitos telespectadores, de modo a subjetivá-los a determinados modos de ser e de agir que ali reverberam. Dito isso, após assistirmos a todos os

episódios selecionados, transcrevemos cada um deles individualmente.

A seguir, buscamos extrair as enunciações do material de análise, a partir do recorte de cenas e diálogos, procurando organizá-las a partir de suas recorrências e dispersões, caso houvesse. Após realizarmos esse mapeamento, organizamos as enunciações a partir de três eixos temáticos: “O sistema operacional da sociedade a partir das práticas neoliberais”, “O design da interface do usuário que faz funcionar uma sociedade do espetáculo” e “Sistema de gerenciamento de dados fazendo funcionar uma governamentalidade algorítmica”, os quais foram construídos partindo das enunciações que foram recorrentes e que tiveram relação entre si. Assim, elaboramos a análise, colocando em funcionamento alguns conceitos foucaultianos, tomados como ferramentas analíticas.

No intuito de realizarmos uma análise discursiva na perspectiva em questão, foi fundamental estarmos cientes de que, para Foucault (2015), não interessa analisar o “sujeito falante”, mas sim, examinar “as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para qual o poder funciona” (Foucault, 2015, p. 247). A compreensão de poder que o filósofo assume, não se trata de um poder repressivo, nem de um poder exercido por algo ou alguém determinando uma ordem a ser seguida. O poder, para ele, é algo que circula, que se ramifica em todo corpo social. O poder atua através das práticas discursivas que circulam, provocando efeitos nas condutas dos sujeitos.

Cabe ressaltar que o poder, nesta perspectiva, atua em todos os movimentos sociais que possam corroborar para que exista algum tipo de mudança nas condutas dos sujeitos e colaborar na constituição dos mesmos. Desse modo, salientamos que, “[...] não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos” (Foucault, 2017, p. 103). É toda e qualquer prática circulante que subjetiva os sujeitos, que

desloca, que provoca efeitos sobre seus modos de pensar, de agir, de ser e de viver. Onde há relações entre pessoas, há relações de poder operando; é a ação de uns que atua, provocando efeitos sobre a ação dos outros, nos mínimos detalhes. Podemos dizer “[...] que as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas” (Foucault, 2017, p. 103), ou seja, todas as relações provocam algum tipo de efeito sobre os corpos dos sujeitos e estão imersas em algum tipo de estratégia de regulação e/ou disciplinamento político/social.

Dito isso, vale ressaltar que operacionalizamos alguns conceitos da “caixa de ferramentas” de Foucault, na análise e problematização de nosso *corpus* empírico. Nas palavras do próprio Foucault,

Qualquer um que tente fazer qualquer coisa – elaborar uma análise, por exemplo, ou formular uma teoria – deve ter uma ideia clara da maneira como ele quer que sua análise ou sua teoria sejam utilizadas; deve saber a que fins ele almeja ver se aplicar a ferramenta que ele fabrica – que ele próprio fabrica – e de que maneira ele quer que suas ferramentas se unam àquelas fabricadas por outros, no mesmo momento. De modo que considero muito importantes as relações entre a conjuntura presente e o que fazemos no interior de um quadro teórico. É preciso ter essas relações de modo bem claro na mente. Não se pode fabricar ferramentas para não importa o que; é preciso fabricá-las para um fim preciso, mas saber que serão, talvez, ferramentas para outros fins (Foucault, 2015, p. 259).

Considerando tal entendimento, compreendemos que Foucault (2015) nos desafia a usar seus estudos e suas escritas para fazer potentes “usos” do que nos parece produtivo. No

caso deste trabalho, utilizamos suas ferramentas para colocar em tensionamento os discursos que versam acerca do governo dos sujeitos a partir do funcionamento dos algoritmos, a partir da análise de nosso *corpus* empírico, na tentativa de operacionalizar com alguns conceitos da potente caixa de ferramentas foucaultiana.

Sendo assim, passamos a discorrer, na próxima seção, acerca do que foi possível extrair das análises para compor o primeiro eixo temático da referida tese. Este que vem abordando, a partir das vivências dos personagens, tanto o modo como os algoritmos são colocados em funcionamento quanto os efeitos que provocam nas vivências dos sujeitos, bem como a maneira como esse movimento algorítmico vem delineando formas de governo social por meio do uso das plataformas digitais.

“ALIMENTANDO” E COLOCANDO EM FUNCIONAMENTO UM BANCO DE DADOS A PARTIR DO USO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação (Han, 2018, p. 15).

Iniciamos esta seção com o excerto de Byung-Chul Han, no intuito de adentrar a discussão acerca das maneiras como os personagens, dos episódios analisados, estão inseridos em um modo de vida no qual são produtores e consumidores. Assim, abordamos como as vivências desses personagens estão atreladas a práticas neoliberais, ao empresariamento de si, à

um modo de vida em que o capital humano se torna essencial à economia política do neoliberalismo. Sendo assim, por um entendimento foucaultiano,

[...] enquanto no liberalismo a liberdade do mercado era entendida como algo natural, espontâneo, no sistema neoliberal a liberdade deve ser continuamente produzida e exercitada sob a forma de competição. [...] para o neoliberalismo, os processos econômicos não são naturais, eles não devem ser deixados livres, ao acaso, nas mãos de Deus; ao contrário, tais processos devem ser continuamente ensinados, governados, regulados, dirigidos, controlados (Veiga-Neto, 2011, p. 38).

Nesta perspectiva, entendemos que esses processos de educação, governo, regulação e controle estão diretamente conectados às estratégias de funcionamento dos algoritmos presentes no material de análise. Este funcionamento ocorre através do abastecimento do banco de dados algorítmicos, os quais são criados e programados para atuarem por meio das plataformas digitais com uma determinada finalidade. Tal abastecimento se dá a partir das nossas formas de uso das redes sociais e da *Web*⁶ em geral, pois sabemos que, segundo Corrêa e Macías (2020, p. 139), somos “[...] executores de algoritmos na nossa vida cotidiana”.

Assim, partindo do entendimento que os algoritmos são “uma sequência de passos lógicos utilizados para solucionar um problema” (Lopes, 2023, s/p), criado por profissionais especializados e que “funciona como um plano de ação, no qual cada etapa é seguida cuidadosamente para alcançar o

⁶ A web significa “um sistema de informações ligadas através de hipermídia (hiperligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais) que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet”. Disponível em: [Web: o que é e significado - Significados](#). Acesso em: 17 abr. 2025.

resultado desejado” (Lopes, 2023, s/p), é que se pode considerar que há estratégias de governo, regulação e controle atuando por meio das plataformas digitais. Desse modo, compreende-se que as movimentações dos discursos que chegam até nós, não acontecem ao acaso, mas sim, com métricas e determinações. E, o “resultado esperado” a que Lopes (2023) se refere, trata-se do objetivo buscado para o funcionamento de cada rede social digital. Ou seja, cada empresa planeja o direcionamento de como deverá funcionar suas plataformas digitais quando contrata um desenvolvedor para criá-las.

Além disso, e sabendo que cada plataforma tem sua funcionalidade algorítmica, para que este algoritmo funcione de modo a colocar em circulação certos discursos em nossas plataformas digitais ao passo que outros não, precisamos alimentar seu banco de dados. Este movimento acontece quando curtimos, comentamos, compartilhamos um texto que nos agrada, por exemplo, ou o mesmo movimento com uma foto, ou quando realizamos uma compra online, quando utilizamos aplicativos que identificam a nossa localização, se assistimos a um *Reels* até o final ou não; enfim, todo e qualquer movimento que fazemos na *Web*.

As discursividade atreladas a produção e programação dos algoritmos podem ser observadas no episódio seis da terceira temporada, chamado “Odiados pela Nação”, em que a empresa Granular fabrica abelhas de inteligência artificial, denominadas de IDAs (Inseto Drone Autônoma), após um risco eminente de extinção das abelhas. Porém, é a partir do modo como os algoritmos são programados que as IDAs entram em movimento, como explica o diretor da empresa⁷:

- “O que nossos IDAs fazem é substituí-las, são movidos a energia solar e não precisam de néctar,

⁷ Todas as falas com mais de 3 linhas extraídas do material de análise, serão apresentadas com a mesma formatação de citação direta longa de acordo com as normas da ABNT.

mas polinizam as flores da mesma forma. Entram nelas, o pólen gruda em suas patas e cai na próxima flor que vissem”

(Odiados pela nação, James Hawis, 2016, 00:31:40).

Além dessa explicação, os personagens pontuam que essas IDAs possuem um sensor visual, para identificar padrões e localizar a flora compatível para continuar navegando. Todo esse funcionamento autônomo da IDAs se dá pelo modo como os algoritmos são programados. A partir dessa programação, torna-se possível parecer como se as abelhas drones “ganhassem vida própria”. Assim como as abelhas que “ganham vida” com base no direcionamento da programação dos algoritmos, do mesmo modo acontece o funcionamento das redes sociais, sites e plataformas da *Web* em geral.

No material empírico foi possível observar o modo como os personagens alimentam o banco de dados dos algoritmos, colaborando para que, após ser criado e programado, entre em funcionamento com direcionamentos e objetivos. É devido a este abastecimento do banco de dados que conseguimos observar uma forma de governo a partir do funcionamento dos algoritmos.

No entanto, salientamos que este governo a partir dos algoritmos funciona através de cálculos e estatísticas, sendo considerados apenas os dados que fornecemos as plataformas digitais, pois,

a governamentalidade algorítmica não leva em conta causas e sinais fisiológicos - ou melhor, simplesmente os trata em igualdade com outros tipos de sinais, por exemplo, o tipo de pessoas com quem você se associa, o que você come, o fato de você ficar acordado a noite toda assistindo filmes na Netflix, o tipo de supermercado em que você compra, ou o fato de você ter recebido aconselhamento

matrimonial nos últimos três meses. A partir de todos esses dados distintos, causalmente independentes, os algoritmos constroem uma pontuação de risco baseados em uma lógica puramente estatística (Rouvroy, 2020, p. 19).

É a partir dessa lógica que vamos sendo direcionados a consumir discursos e produtos que nos são familiares, pois nós mesmos informamos tudo isso; nós mesmos deixamos informado para a IA (Inteligência Artificial) o que gostamos, o que nos desperta interesse, o que comemos, quais nossos hábitos diários. Ao fornecermos nossos dados, também possibilitamos que haja um controle constante sobre nossas vidas, sobre nossos modos de agir e de pensar, como podemos observar no primeiro episódio da segunda temporada, o *Be Right Back* (Volto já).

Neste episódio, Ash era o namorado de Martha e fazia uso das redes sociais de forma recorrente, de uma maneira tão frequente que, por vezes, respondia de forma automática. Algumas vezes, respondia sem ao menos prestar atenção no que Martha havia perguntado, então ela acabava fazendo brincadeiras com perguntas estranhas em comparação ao contexto do momento, somente para testá-lo. Como exemplo de situações assim, trazemos a cena em que os dois estacionam o carro em um posto de gasolina e ela foi pegar dois cafés enquanto Ash ficou dentro do carro mexendo no celular. Quando Martha retorna com os cafés, Ash demorou a abrir a porta do carro para ela, pois estava rolando o *feed*⁸ de sua rede social; então, ela brinca ao ver que ele nem prestava atenção, conforme observa-se na seguinte conversa: *Martha*: “*cuspi no*

⁸ O Feed do Instagram “mostra fotos e vídeos publicados por outros usuários da rede social. A seção é considerada uma das partes centrais da plataforma, e aparece na tela inicial do aplicativo. O conteúdo de perfis e hashtags que você segue tem prioridade no Feed do Instagram. Entretanto, a rede social também exibe anúncios e posts recomendados com base nas suas atividades”. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/feed-do-instagram-o-que-e-como-funciona-e-os-tipos-de-visualizacao-disponiveis/>. Acesso em: 03 jul. 2025.

seu, está bem?” Ash responde: - “Está bem!”. (Volto já, Owen Harris, 2013, 00:01:02).

Devido ao recorrente uso de redes sociais e aplicativos em geral existentes, Ash fornece cada modo de ser, de falar e de agir aos algoritmos que estão funcionando em todos os artefatos de IA. E,

A IA é apenas uma fonte de informação e não será mais útil do que um martelo ou uma pá. A IA pode nos dar mapas interessantes, ajudar a identificar fatos, mas os fatos não falam por si mesmos: eles precisam ser tornados importantes, significativos, e este trabalho é exclusivamente do ser humano (Rouvroy, 2020, p. 25).

Essa explicação de Rouvroy, nos possibilita compreender que não existe alguém maquiavelicamente escondido planejando e organizando quais propagandas, sugestões de filmes, séries, músicas, locais para viajar, entre outros, que aparecerão em nossas plataformas digitais. Somos nós, enquanto usuários das mais diversas formas de IA existentes que fornecemos essas informações, que promovemos tal situação de recebermos em nossa *Web* propagandas, notícias, entre outros que estejam de acordo com nossos interesses e desejos.

E assim, é a partir desse banco de dados que pode ser possível recriar o Ash neste episódio utilizando a IA após sua morte em um acidente de carro, o que deixa Martha desesperada. No entanto, na hora do velório uma amiga diz a Martha que existe um aplicativo que torna possível a comunicação em tempo real com quem já morreu. Naquele momento, a viúva considerou ser horrível, e, inclusive, ordenou que a amiga Sara se calasse.

Porém, após o velório de Ash, Martha retorna a casa de campo e organiza algumas coisas. À noite, deita-se em sua

cama para verificar sua caixa de e-mail, onde aparece uma mensagem de cadastro em um programa que possibilita falar com quem já morreu; sua amiga Sara a inscreveu sem que ela autorizasse. Alguns instantes após Martha excluir o e-mail de cadastro, chega um outro, mas dessa vez em nome de Ash. A mensagem consistia na seguinte fala: - “*sim, sou eu!*” (Volto já, Owen Harris, 2013, 00:11:50). Martha fica por alguns segundos olhando assustada, fecha o Notebook e resolve ligar para a amiga Sara, a qual explica:

Sara: - “Você clica no link, aí você fala com ele...você digita a mensagem como num e-mail, daí ele responde para você do jeito que ele fazia... é um Software, vai imitar ele, você manda o nome da pessoa e pesquisa todas as coisas que a pessoa já disse na internet, as atualizações de Facebook, os Tweets, qualquer coisa pública. Eu só dei o nome do Ash e o sistema fez o resto. É tão inteligente!”
(Volto já, Owen Harris, 2013, 00:12:30).

Em meio ao espanto misturado com revolta pela amiga ter feito isso, Martha não para de repetir que ele está morto. No entanto, Sara insiste: - “*Vai! Só dá um oi pra ele, e se gostar, permita que acessem os e-mails privados dele, quanto mais tiver, mais vai parecer com ele*” (Idem, 00:12:45). Tal *Software* é construído com a capacidade de recriar as conversas de quem já faleceu, coletando as informações a partir dos dados dos algoritmos de cada rede social e de cada movimentação na plataforma digital que aquele sujeito realizou durante toda sua vida.

Este movimento de coleta das nossas informações é explicitado por Han (2018, p. 38), quando o autor nos diz que “todo clique que eu faço é salvo. Todo passo que eu faço é rastreável. Deixamos rastros digitais em todo lugar. Nossa vida digital se forma de modo exato na rede”. O *Software* do episódio só é capaz de recriar as falas e comportamentos de Ash pelo fato de existir uma grande movimentação por parte

do mesmo nas plataformas digitais durante sua vida. É exatamente a partir desta vida digital que se forma, que se torna possível sermos governados a partir do funcionamento dos algoritmos. Para tanto, entendemos que,

[...] o objeto natural "governados" não é uma fauna humana nem uma horda que, com maior ou menor boa vontade, se deixa conduzir em direção a uma terra prometida, mas uma "população" que se tenta administrar, à maneira de um fiscal das águas e florestas que regula e canaliza os fluxos naturais das águas e da flora, de tal modo que tudo caminhe bem na natureza, que a flora não pereça. Ele não abandona a natureza à sua sorte; ocupa-se dela, mas sempre em proveito da própria natureza, ou, se preferimos, se assemelha a um guarda de trânsito que "canaliza" o tráfego espontâneo dos automóveis para que ele flua facilmente: é esse o trabalho que ele se atribuiu (Veyne, 1998, p. 244).

É este “canalizar do tráfego” que permite a construção de nossos perfis, e essa produção do profiling possibilita que Martha fale com Ash através deste *software*. É este *profiling* que torna possível recriar os comportamentos e características de Ash, fazendo com que ele responda a Martha exatamente da forma a qual ele a responderia quando estava vivo, ou melhor, exatamente da maneira como ele agia nas redes sociais digitais, fossem as conversas via *WhatsApp*, curtidas, e-mails enviados, enfim, todas as estratégias de coleta das formas de comportamento dele.

Assim, em meio ao luto, e depois de ter negado a Sara que iria usar o *software*, Martha descobre que está grávida de seu falecido namorado e resolve tentar contato através do aplicativo apresentado por sua amiga. Abre seu *Notebook* e clica



no botão para iniciar a conversa, pergunta se é ele e a resposta do Ash digitalizado veio exatamente como Ash personagem falaria: - “*Não! É o falecido Abraham Lincoln! Claro que sou eu!*” (Volto já, Owen Harris, 2013, 00:15:07). Então, Martha conta que está grávida ao Ash criado por Inteligência Artificial (IA), e ele segue respondendo de forma atualizada, dizendo a ela: - “*então vou ser papai?!...Eu queria estar aí com você!*” (idem, 00:15:45).

Todas as conversas que Martha pode realizar com Ash só se tornaram possíveis pelo fato de que ele era um usuário recorrente das redes sociais digitais. Posteriormente, Martha teve a oportunidade de falar com uma versão digitalizada que recriou a voz de Ash, possibilitando a ela, contato através de ligação de voz. E, no episódio, o *software* não se limitou ao contato de escrita e voz, mas reproduziu uma versão robotizada de Ash. Na versão robótica, a partir dos dados fornecidos pelo Ash personagem, a IA pode oferecer a viúva, uma versão física com suas características, tanto de rosto, altura, corpo, quanto dos modos de ser coletados no *datamining*⁹ do funcionamento algorítmico.

Todo esse movimento, em torno do modo como “alimentamos” o banco de dados dos algoritmos, é que irá traçar a trajetória da maneira como esses dados serão refinados e organizados, colaborando para a criação de nossos perfis, nossos *profilings*. E assim, esses perfis, construídos a partir dos nossos dados e métricas algorítmicas, é que irão, de um certo modo, determinar a forma como irão reverberar nossos modos de ser e de viver, a partir do que fornecemos as plataformas digitais, bem como iremos trazer na próxima seção. Além disso, traremos a noção de governamentalidade algorítmica funcionando através do contexto digital.

⁹ Em tradução literal, Data Mining “significa mineração de dados. Consiste em usar a tecnologia para realizar a análise de grandes quantidades de dados, a fim de identificar padrões consistentes e extrair insights para aprimoramento dos processos”. Disponível em: [O que é Data Mining? Para que serve? + dicas de como fazer!](#). Acesso em: 06 fev. 2024.

OS ALGORITMOS EM MOVIMENTO NO CORPO SOCIAL

Nessa seção, iremos abordar, com maior foco, o entendimento de que somos os executores dos algoritmos, que somos nós quem informamos todos os nossos interesses e desejos às redes sociais digitais, corroborando para chegar até nossas plataformas digitais o que tem relação com nossas vontades. Isso converge com o que Rouvroy nos indica, quando afirma que:

[...] a governamentalidade algorítmica não está interessada no indivíduo, mas na intensidade das relações estatísticas descobertas entre os "atributos" infra-pessoais (que poderiam até ser descritos como infra-atributos, sinais sem significado) que transpiram da existência diária, e os padrões de comportamento supra individuais, impessoais, mas "preditivos" gerados na escala industrial a partir de big data (dados comprovados a partir de comportamentos de outras populações) (Rouvroy, 2020, p. 26) [grifo da autora].

Neste sentido, temos que as tecnologias de IA conseguem recriar nossas vivências, somente a partir do que registramos, de algum modo, nas plataformas digitais. Dito isso, verificamos na série diferentes maneiras nas quais colocamos nossos dados em funcionamento nas plataformas digitais. Uma das formas está explicitamente fabricada discursivamente no primeiro episódio da sexta temporada, que apresenta, através do dito e do visível, a vida de uma mulher, que assiste sua vida sendo reverberada em forma de série televisiva de uma plataforma de *Streaming*, chamada de *StreamBerry*. Joan entra em choque ao chegar em casa e ver sua vida sendo exposta nesta plataforma quase em tempo real, isso



só foi possível a partir das informações coletadas pelos algoritmos desde suas falas próximo ao celular, movimentos realizados na internet, sua localização do GPS, entre outros.

Na série, Joan é representada pela atriz Salma Hayek, e o que possibilita a execução da série sobre a vida da personagem é o fato de todos os dados dela serem cruzados e usados por sistemas de inteligência artificial e computação quântica para criar e transmitir *deep fakes*¹⁰, processo que recria rostos e vozes no corpo de outra pessoa.

No episódio em questão, o sistema de *deep fakes* foi utilizado para transformar o dia a dia dos sujeitos em uma série televisiva. Joan fica extremamente furiosa, sem entender como isso aconteceu, como sua vida foi parar em uma plataforma amplamente reverberada, e vai até sua advogada. Esta última já está verificando o motivo pelo qual a sua vida (a vida de Joan) tem se tornado pública a partir da plataforma de Streaming. Então, elas conversam, e a advogada explica que: “*legalmente, a StreamBerry Corporation pode fazer isso.*” (Joan é péssima, Ally Pankiw, 2023, 00:26:20).

Então, a advogada pega uma pilha de documentos impressos e os arrasta em direção a Joan e diz que quando ela aceitou os termos e condições da plataforma, passou a autorizar o uso de seus dados, reforçando que a cliente viu, mas nunca na forma impressa. (Joan é péssima, Ally Pankiw, 2023, 00:26:40). Assim, após uma discussão com sua advogada e a mesma afirmar que a plataforma tem sim o direito de fazer uso das informações de Joan, a personagem que vê sua vida se tornar pública, diz que vai processar então a atriz, Salma Hayek. A advogada pergunta pelo que Joan vai processar ela, e Joan diz que é por ficar se passando por ela. No entanto, a advogada explica: - “*Não é exatamente a Salma Hayek*” (idem,

¹⁰ O Deep fake “é uma forma de inteligência artificial (IA) que pode ser usada para criar imagens, sons e vídeos falsos convincentes. O termo “deep fake” combina o conceito de deep learning com algo falso. O Deep fake compila imagens e sons fraudulentos e os une usando algoritmos de aprendizado de máquina. Como resultado, cria pessoas e eventos que não existem ou não aconteceram de fato”. Disponível em: [O que é Deepfake: IA ameaçando sua segurança cibernética? | Fortinet](#). Acesso em: 27 abr. 2025.



00:27:40), pega o Jornal em que a notícia principal é sobre a série “Joan é péssima” e lê para Joan que tecnicamente é uma representação digital da atriz que licenciou a sua imagem.

Toda a movimentação nas plataformas digitais efetuada por Joan, era reproduzida na série televisiva, até mesmo as falas dela feitas próximas ao celular eram salvas e usadas para contextualizar os episódios. Parece-nos então, que todo esse movimento tecnológico a partir da coleta de dados e do funcionamento dos algoritmos, está atrelado ao que Deleuze (2008) chamou de sociedade de controle. Na qual, o filósofo discorre que,

[...] as antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo (Deleuze, 2008, p. 223).

Neste viés, Deleuze vem trazendo os deslocamentos ao longo dos anos em relação ao capitalismo de cada tipo de sociedade. No entanto, vale ressaltar que estes deslocamentos não se deram de forma brusca, muito menos houve um delimitado dia para passarmos de um modo de controle e de capitalismo a outro. Foram acontecendo rupturas sociais que corroboraram para que acontecessem esses deslocamentos e para a introdução de novas estratégias. Portanto, ressaltamos que um modo de sociedade não eliminou a outra, elas coexistem, porém, atualmente a sociedade de controle

funciona com mais força, conduzindo os modos de vida dos sujeitos de forma mais ativa, com outras estratégias de disciplinamento dos corpos.

É nessa correnteza das estratégias de disciplinamento dos corpos da sociedade de controle, bem como do capital humano, características das práticas neoliberais, que trazemos algumas enunciações do episódio Arkangel. Tais enunciações giram em torno de uma mãe que ao se perder da filha de três anos na pracinha, resolveu submetê-la a um experimento. Tal experimento se trata do Arkangel, um sistema novo, para o contexto social do episódio, o qual funciona inserindo um chip no cérebro da criança que permite que a mãe, através de um tablet, tenha acesso tanto a sua localização, quanto a qualidade sanguínea da menina, e, até mesmo pode controlar como ela vê imagens específicas. O controle das imagens, acontece pelo uso de um filtro, monitorado pela mãe através do tablet, que deixa as cenas “borradas”, disformes, além de fazer com que as falas consideradas inadequadas pela personagem, fiquem inaudíveis.

Sobre o projeto experimental Arkangel, cabe ressaltar que ele é direcionado para mães que desejam ter o controle recorrente de seus filhos, embora, na série, não tenha sequer sido aprovado pelos conselhos médicos oficiais. Então, após inserir o chip no cérebro de Sarah com uma agulha enquanto ela assiste a um desenho, a profissional responsável pelo procedimento leva Marie até uma sala ao lado da que está a menina, liga o tablet e apresenta as funcionalidades do chip no artefato tecnológico em questão.

Técnica Responsável: - “Esta aqui é a central de controle, eu só vou parear com o implante da Sarah...e ok, prontinho! Então, essa é a localização da Sarah, que é (através do Touch amplia a imagem que mostra a Arkangel) aqui, obviamente! Agora se a Sarah desaparecer, tudo que você precisa fazer é tocar aqui, digitar a sua senha e a polícia é automaticamente notificada. (então ela segue



abrindo os outros aplicativos na tela) Os sinais vitais, frequência cardíaca saudável. Ah, os níveis de ferro estão meio baixos, ela tem comido bem?”

(Arkangel, Jodie Foster, 2017, 00:07:50).

Todo o movimento realizado pela mãe, através do sistema Arkangel, tem a intenção de afastar da menina todas as situações que fujam de seu controle. Sabemos que a mãe opta por controlar as vivências da filha através do aplicativo, de modo a excluir da experiência de Sarah questões que ela tem por imprópria para o desenvolvimento da menina. Corroborando, assim, para o que Deleuze (2008, p. 220), nos ensinou: “[...] são as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares”.

Podemos compreender, então, que a mãe de Sarah atua sobre sua vida por intermédio do aplicativo em questão, de modo a provocar uma “[...] moldagem auto deformante [...]” (Deleuze, 2008, p. 221) em seus modos de vida. E, segundo Deleuze (2008), os confinamentos das sociedades disciplinares atuavam de modo a moldar as condutas dos sujeitos, tornando-os dóceis e úteis, “[...] organismos capacitados para funcionar da maneira mais eficaz dentro do projeto histórico do capitalismo industrial” (Sibilia, 2008, p. 17). Tais disciplinamentos se davam através das famílias, do sistema escolar, do hospital ou de outras estratégias que provocassem o disciplinamento, o governo desses sujeitos. Ao passo que, na sociedade de controle, há uma modulação sobre os corpos dos sujeitos, de modo a subjetivá-los através de outras estratégias de disciplinamento mais sutis, que não se inserem na ordem da interdição, da determinação, da lei.

Diante do exposto, conforme Rouvroy (2020, p. 17), “a governamentalidade algorítmica é a hipótese de um governo do mundo social que se baseia no processamento algorítmico de grandes volumes de dados [big data] e não em políticas, leis e normas sociais”. Com isso, salientamos que são outros modos

de governo, e que esta sociedade de controle está intrinsecamente ligada a governamentalidade algorítmica, a qual estamos problematizando em nosso estudo.

No entanto, no que tange às questões relacionadas às diferenças entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, “não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições” (Deleuze, 2008, p. 220). Ambas atuam de modo a governar os sujeitos, conduzir as condutas, de subjetivá-los, docilizando esses corpos.

Assim, após trazermos as fabricações discursivas acerca dos modos de programação dos algoritmos, bem como os modos pelos quais os personagens alimentam o banco de dados deles, compreendemos que este movimento inicial a respeito de algoritmos está atrelado a sociedade de controle. Esta sociedade, está conectada ao neoliberalismo, a um capitalismo voltado ao capital humano, a uma nova arte de governar. E,

[...] nessa nova arte de governar, de mecanismos que tem por função produzir, insuflar, ampliar as liberdades, introduzir um "a mais" de liberdade por meio de um "a mais" de controle e de intervenção. Ou seja, aqui o controle não é mais apenas, como no caso do panoptismo, o contrapeso necessário a liberdade. Ele é seu princípio motor (Foucault, 2008, p. 92).

Nesta perspectiva foucaultiana, entendemos que um destes a mais de liberdade nos parece estar vinculado ao modo dos usos que fazemos das redes sociais, postando e compartilhando nossas intimidades, nossos gostos e preferências, curtindo postagens que nos agradam, comprando de forma online, entre outros movimentos já citados anteriormente neste trabalho e que fazemos ao usarmos as plataformas digitais. Já este a mais de controle, nos

parece estar atrelado ao fato de todo e qualquer um desses movimentos realizados por nós ficar registrado nas plataformas digitais.

Assim, conforme Foucault (2008), a dita “liberdade” é o princípio motor para que os algoritmos funcionem de modo a governar sujeitos, conduzir condutas e docilizar corpos sem que seja necessário o uso de estratégias de coerção, opressão, entre outras. Dito isso, chegamos às considerações finais deste artigo, que tratou do modo como está construído discursivamente as formas de funcionamento dos algoritmos em alguns episódios da série *Black Mirror*, desde sua programação até sua maneira de atuar como estratégia de governo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, no viés desta pesquisa, olhar para a série *Black Mirror*, constitui-se como uma potente estratégia analítica, tendo em vista a proposta de discorrermos acerca das estratégias de governo dos sujeitos a partir do funcionamento dos algoritmos nas plataformas digitais em geral, e que se encontram construídos discursivamente neste *corpus* analítico. Alguns aspectos estão bem delineados, como a subjetivação dos sujeitos através deste funcionamento algorítmico através de plataformas digitais como as Redes Sociais, *Softwares* de Inteligência Artificial, entre outros, bem como as questões que versam acerca das relações de poder que ali circulam, produzindo efeitos e discursos acerca dos modos de ser e de viver dos personagens, e que, possivelmente, reverberam sobre o corpo social, provocando efeitos sobre os modos de vida dos sujeitos que a assistem.

Com isso, compreendemos que “as relações de poder e a produção dos saberes não são apenas um elemento da superestrutura; essa dinâmica está presente na vida cotidiana dos indivíduos, produz uma transformação técnica dos sujeitos, opera sobre seus corpos” (Fischer, 2002, p. 46). Esses

saberes, que giram em torno de uma governamentalidade algorítmica, apresentam-se fabricados discursivamente, na ordem do dito e do visível, nos episódios analisados, respondendo aos anseios da sociedade contemporânea em relação ao uso das tecnologias e plataformas digitais.

Deste modo, gostaríamos de destacar que, na perspectiva teórica deste estudo, tais discursividades instigam os sujeitos a seguirem determinados modos de vida, que reverberam no corpo social, ganhando credibilidade e força de verdade, operando produtivamente sobre esses sujeitos, provocando deslocamentos em seus modos de vida individualmente, mas também corroborando com as atualizações tecnológicas da sociedade contemporânea. Enfim, são relações de poder que circulam entre os sujeitos, através das pedagogias culturais e seus artefatos midiáticos, constituindo e construindo diferentes modos de ser e de se viver em nossa sociedade atual.

Neste contexto, vale ressaltar que esta pesquisa pode contribuir de maneira relevante para a área da educação, especialmente para o campo dos estudos culturais, por tratar de uma série fílmica como um artefato que opera enquanto uma pedagogia cultural potente, que atua produzindo, instigando e ensinando modos de ser e de estar na sociedade atual. Em outras palavras, compreendemos que, tal artefato cultural, exerce uma função pedagógica, para além do ensino escolarizado, mobilizando saberes, conduzindo condutas e subjetivando sujeitos. Desse modo, o estudo em questão, constitui-se como uma possibilidade de perceber o quanto as pedagogias culturais constituem-se como produtivas ferramentas de estudo e análise na contemporaneidade.

No entanto, compreendemos que este artigo também apresenta suas limitações, tanto por se tratar de um extrato de tese de doutorado, como por esta fazer uso de um material empírico específico, para dar conta de uma abordagem discursiva, que é um recorte diante da amplitude de materiais midiáticos que teriam potencial analítico. Porém, entendemos

que trata-se de uma pesquisa que apresenta uma base teórica consistente que aborda uma temática recorrente na atualidade, colaborando assim, para outros estudos, que possam fazer uso destas discussões, inclusive para tensioná-la e problematizá-la. Fica aqui o convite!

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Sérgio Fernando; MACÍAS, Salomón. O Governo das Condutas e a Constituição da Subjetividade: Um Estudo da Sociedade de Controle de Tipo Algorítmica. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v.8, n.3, dez. 2020, p. 137-153. ISSN: 2317-9570.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**, 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. 7 reimp. 1 ed. São Paulo:Edições 34, 2008.

FISCHER, Rosa Maria. A Paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos: Novos olhares nas Pesquisa em Educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 39 –60.

FOUCAULT, Michel. Dos suplícios às celas. In.: **POL-DROIT**, Roger. Michel Foucault: Entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. Michel Foucault; edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Eduardo Brandão. Revisão da tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Organização, seleção de textos e revisão técnica: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2015.



FOUCAULT, Michel. In: Roberto Machado (Org.). Roberto Machado (Trad.). **Microfísica do poder**. 5^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital** / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LEMOS, André. **Isso (não) é muito Black Mirror: Passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação**. - Salvador: EDUFBA, 2018. 164 p. ISBN: 978-85-232-1708-2.

LOPES, Renata. Algoritmo: o que é e como funciona em programação e rede social. 10/02/2023. **Revista eletrônica Asimov Academy**. Disponível em: Algoritmo: o que é e como funciona na internet?. Acesso em: 17 abr. 2025.

OKSALA, Johana. **Como ler Foucault**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto, Karla Saraiva. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: Conceitos Essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovenasi. São Carlos, Claraluz, 2005.

ROUVROY, Antoinette. Entrevista com Antoinette Rouvroy: Governamentalidade Algorítmica e a Morte da Política. Trad. Maria Cecília de Almeida; Marco Antonio Alves. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v.8, n.3, dez. 2020, p. 15 28. ISSN: 2317-9570

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.



VEIGA-NETO, Alfredo. Governamentalidades, neoliberalismo e educação. In: BRANCO, Guilherme Castelo; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Foucault: filosofia & política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília. 1998.

REFERÊNCIAS EPISÓDIOS

ARKANGEL (Black Mirror). Direção: Jodie Foster. Netflix, 2017, 50 min.

JOAN É PÉSSIMA (Black Mirror). Direção: Ally Pankiw. Netflix, 2024, 59 min.

ODIADOS PELA NAÇÃO (Black Mirror). Direção: James Hawis, Netflix, 2016, 90 min.

VOLTO JÁ (Black Mirror). Direção: Owen Harris. Netflix, 2013, 48 min.

Recebido em 25 de maio de 2026.

Aprovado em 22 de julho de 2026.